

ESPERANÇA

Por

Andre Alves Garzia
(andre@andregarzia.com)

2008

Ele olhava fixamente para a pequena caixa plástica. Entortava levemente a cabeça como que buscando colocar o mundo em foco, como se uma mudança de ângulos pudesse mudar o destino. Seu coração batia acelerado e sua mente repetia: “se acalme! se acalme! se acalme! agora mais do que nunca é preciso calma.”. Nada adiantava, quanto mais repetia, mais nervoso ficava, quanto mais nervoso ficava, mais oxigênio consumia, quanto mais oxigênio consumia, menos tempo tinha. Seu nome era Folha, ele tinha 15 anos e estava desesperado.

Um zumbido como se centenas de abelhas passassem perto da sua orelha voando a toda velocidade. Um tremor como se você estivesse dentro de uma geladeira e alguém desse uma marretada. Um enjôo como se todo o mundo fosse subitamente feito de enxofre. Esses sintomas duravam pouco, uns dois segundos no máximo, mas eram os piores dois segundos possíveis pois esses sintomas anunciavam que o fim estava próximo. Quanto tempo ainda teriam? Quanto tempo os escudos ainda aguentariam? Quantas décadas eles podiam navegar sem rumo pelo espaço antes de baterem em alguma coisa? Ela tinha muitas perguntas e nenhuma resposta. Acima de tudo, alias, independente de tudo, ela tinha que cuidar dos menores. “Lua, Lua, estou com medo.” chorava uma das crianças, a pobrezinha tinha cinco anos e nunca tinha conhecido realidade nenhuma além daquela. Ela era das mais velhas, tinha 17 anos e assim como os demais sabia que algo estava dando errado, muito errado.

Folha andava apressado pensando qual ritmo seria ao mesmo tempo rápido o suficiente porém sem gastar oxigênio demais. Passou por diversos corredores, cumprimentou pessoas e sorriu como se nada estivesse acontecendo, para os pequenos, sorriu ainda mais. Ele tocara a pequena campainha e uma voz metalizada perguntou:

“O que é?”

“Aqui é o assistente Folha, preciso falar com o *Moderador*.”

“O Moderador esta ocupado.”

“Manda ele sair do banho logo, por que vamos todos morrer.”

Lua fazia cafuné na pequena bolha, ela achava uma sacanagem terem chamado a criança de bolha só por que ela era gordinha mas até aí, ela chamava Lua pois era branca demais. Enquanto fazia cafuné, ela entoava uma melodia antiga, da sua infância, tempos atrás, antes da guerra, antes de todos os adultos morrerem. Dizem que a memória é presa aos sentidos, o som da música e a sensação do tato a faziam lembrar de antes. Sua lembrança mais antiga era de sua mãe cantando para ela dormir, depois disso, ela lembra de uma grande guerra se espalhando pelo universo inteiro, lembra de seus pais terem tentado fugir em uma nave, uma entre as cinquenta famílias que conseguiram embarcar. Ela lembra de sua mãe desesperada falando com seu pai, cujo rosto não lembra mais, ela chorava dizendo: “eles vão destruir o planeta inteiro! o planeta!” e seu pai dizia: “fique feliz que eles deram seis horas para evacuarmos, vai dar tudo certo...”

“Aqui é o Moderador falando. Todo mundo com mais de 12 anos deve se dirigir a sala de reuniões. Atenção, todo mundo com mais de 12 anos deve se dirigir a sala de reuniões.”

Sala de reuniões era como os mais velhos chamavam a cozinha da nave. Era uma das salas mais amplas, dava para trancar os mais novos do lado de fora e como essas reuniões sempre demoravam uma eternidade, era bom ter comida à mão.

Ele estava sentado em cima da mesa com seu chapéu de moderador, um símbolo, um boné com uma letra parecida com um A com um círculo em volta.

“Eu sou o moderador, eu decido quem fala ou não, eu mantenho as coisas em ordem”. Repetir isso era uma técnica que ele havia aprendido com o moderador anterior. Seu antecessor havia morrido aos 21 anos em um acidente, se eles estavam vivos até então foi por causa dele e agora a responsabilidade caía sobre seus ombros.

Seus pensamentos se perdiam onze anos atrás, quando a nave fora abordada. Vários anos haviam se passado desde a destruição do planeta, ele acreditava que tinha entrado na nave com quatro anos, a maioria das crianças havia nascido ali mesmo durante os primeiro cinco anos em que as famílias fugiam pelo espaço. O universo não era um lugar seguro e a muito a nave não sofria reparos, um dia, a fuga acabou. Eles invadiram a nave, pegaram todos que tinham idade para lutar, isso incluía todos os homens e mulheres com mais de 12 anos, os velhos foram mortos ali mesmo e jogados no espaço. As crianças, eles simplesmente deixaram na nave. Ao ir embora eles sabotaram o motor de dobra espacial por pura maldade, simplesmente deixaram as

crianças vagando pelo espaço em uma nave sem armas ou capacidade de dobra. O sistema de moderação havia sido implantado rápido quando os mais velhos perceberam que sem alguma ordem, eles não iam durar nem um mês. Ele tinha 18 anos, era o Moderador, os demais membros do canal #12+ estavam sentados a sua frente, ele tinha que escolher quem ia falar primeiro, ele levantou a mão, apontou pra si mesmo e começou a falar:

“Vocês foram chamados aqui por que chega uma hora na vida de todo moderador em que ele deve olhar firme para os demais membros do canal, estufar o peito e falar: fudeu.”

Essa era a introdução formal de todas as reuniões do canal #12+, existiam vários canais ou grupos de pessoas na nave, os principais eram #SAC que cuidava de transmitir as informações entre as crianças, #nuggets que cuidava dos bebês e das crianças com menos de nove anos, #bar responsável pela alimentação de todos, #voodoo que tentava entender os mecanismos da nave e os grupos por faixa etária #n00b, #5+, #10+, #12+. Outros canais eram criados e dissolvidos conforme a necessidade e todo mundo pertencia a pelo menos dois canais, o da idade e algum outro. O canal #12+ era quem comandava tudo.

“Estamos a quatorze anos vagando pelo espaço. Nesse meio tempo batemos em alguns asteróides, nos perdemos algumas vezes, nos achamos novamente, depois nos perdemos de novo e nesse exato momento estamos perdidos a mais ou menos tres anos.”

“Até ai nenhuma novidade” gritou alguém.

“Bom a novidade é que vamos todos morrer.” ele pensou em dizer mas como Moderador responsável, resolveu delegar a função de dar as más notícias para outro e em vez de falar o que havia pensado disse: “Bom, vamos falar de novidades, com a palavra Folha do #voodoo.”

“Bom dia a todos, pois bem, a última calculadora pifou hoje.”

Os que entenderam o peso da notícia ficaram sem palavras, mas alguns eram muito novos, tinham doze ou treze anos, haviam nascido e sido educados na nave.

“Err... e?” disse alguém de doze anos sem muito entender.

“Bom, essa nave não sofre reparos a décadas, muitos sistemas precisam ser alterados de tempos em tempos, por exemplo, o sistema de escudo da nave, os motores,

o sistema de reciclagem de ar e esgoto, todos usam a mesma fonte de força que está dando problema.”

“Mas como fazíamos antes?”

“Antes a nave era nova e tinham robôs e sistemas automáticos que consertavam as coisas, hoje já quebrou tudo, mais ou menos a dez anos, você era muito pequena então não lembra.”

“Mas então como fizemos nos últimos dez anos?” perguntou Lua.

“Tínhamos máquinas para calcular os valores que devíamos colocar nos sistemas da nave.”

“Então?”

“Err... a última máquina quebrou hoje.”

“Oh!” exclamou Lua

“Ou seja, a menos que alguém aqui tenha uma calculadora escondida no quarto, não temos como ajustar os sistemas de suporte a vida, ou a trajetória da nave ou qualquer outra coisa... alias, usávamos as calculadoras para controlar o estoque de comida também e agora não faço idéia de como vamos saber como distribuir as coisas.”

O silêncio durou mais de 10 minutos, um dos meninos que comia um bolinho parou de comer na metade e embrulhou a comida como se fosse um tesouro. Todas as crianças olharam para o moderador.

“Primeiro, isso tudo é segredo! Ninguém que não seja do #12+ deve saber que não temos mais controle sobre a nave, se bem que nunca tivemos muito controle por mais que o povo do #voodoo tenha feito coisas incríveis.”

“O que faremos agora?” perguntou Folha.

“O pessoal do #SAC vai espalhar que estamos organizando um torneio de futebol, os demais canais todos vão agir normalmente, o povo do #bar, vai priorizar a comida do #nuggets e do #5+, a galera do #voodoo vai sentar e pensar alguma solução enquanto o resto procura pela nave inteira uma calculadora.”

E cheios de medo, eles saíram da cozinha, sorriram para os pequenos que se escondiam no corredor.

Lua olhava a janela preocupada. Poucos ali sabiam ler, a maioria somente entedia ícones dos poucos sistemas que funcionavam da nave. Folha, seu amigo do

#voodoo, havia lhe dito que o que as máquinas faziam chamava matemática ou aritmética ou cálculo porém essas palavras nada significavam para ela. Ele havia explicado que se tratava de uma espécie de jogo ou manipulação de números ou unidades seja lá o que for isso. Ele dizia: “Temos uma idéia de para que serve esse jogo porém não sabemos as regras”. Enquanto ela pensava nisso, juntava peças de um jogo de tabuleiro.

“Sejam bem vindos ao lugar onde nada faz sentido, esta iniciada a reunião do #voodoo. Ninguém aperta o botão vermelho do painel.”

Essa era a saudação formal de início as reuniões do grupo encarregado de entender sobre a nave e seus sistemas. Em quatorze anos eles haviam descoberto muita coisa, sabiam pilotar mais ou menos, sabiam desviar a força de um lado para o outro e fazer pequenos ajustes, um feito enorme para um bando de crianças. O fato que desde cedo eles sempre utilizaram os sistemas de computador e cálculo a bordo da nave, ninguém nunca os ensinara sobre números.

“Gente, não pode ser impossível, em algum momento as pessoas tem que ter aprendido essa tal matemática. As pessoas não nascem sabendo, olha a bolha, ela mal consegue comer sem se sujar.”

“Cara, com certeza foram aliens que introduziram matemática na cultura humana, nunca que alguém descobre como funciona esse treco.”

“E quem ensinou os aliens então?”

“Outros aliens porra!”

“E quem ensinou esses aliens?”

“Outros ora!”

Lua brincava com as peças passando elas de uma mão para a outra enquanto pensava no que Folha havia lhe dito: “A chave é entender como as operações básicas funcionam.”, ela não havia entendido o que multiplicar ou dividir eram, mas somar e subtrair parecia mais simples.

“Uhum e quem ensinou os primeiros aliens hein esperto?”

“Seres de outro universo onde eles já sabiam.”

“Ah vá pra porra!”

Lua olhava as crianças dormindo, ela era do #nuggets e cuidava das crianças, boa parte do tempo consistia em assistir elas babando de sono, leva-las ao banheiro e recolher brinquedos espalhados pela nave. Quantas crianças tem nesse quarto? Quantas peças tem em um tabuleiro?

“Gente, assim a gente não chega em lugar algum! Temos que pensar como se fossemos os aliens do primeiro universo, como eles descobriram...”

“Primeiros aliens do primeiro universo...”

“Ta bom, como os primeiros aliens do primeiro universo, descobriram a matemática...”

Eram quinze crianças, ela havia contado, Folha explicou que matemática era como contar agrupando, como se em vez de ir criança por criança, houvesse algum outro jeito de contar. Ela estava com insônia, e os tremores do sistema de suporte à vida e os escudos pareciam estar aumentando à cada dia. Decidida a pensar sobre o problema, Lua espalha as peças do jogo no chão e pensa, se cada peça fosse uma criança...

“Viajantes do tempo.”

“O que?”

“parentes dos primeiros aliens do primeiro universo que sabiam matemática no futuro, voltaram pro passado para ensinar para eles, é o único jeito!”

“E como eles sabiam então?”

“Por que no passado eles aprenderam ora!”

Lua juntara duas peças, dois. Isso era fácil. Pegou mais uma peça. Três. Separou e ficou olhando para essas peças. É como somar grupos Folha disse, ela então pega mais duas peças e separa.

“Quais são nossas opções?”

“Dois membros acham que devemos vasculhar a nave atrás de uma máquina do tempo para entrarmos em contato com pessoas do futuro ou do passado que possam nos ensinar. Três membros acham mais fácil tentarmos contatar alienígenas que saibam matemática ou que possam nos dar uma calculadora.”

“O universo não é seguro o suficiente para entrarmos em contato com ninguém, imagina se levam todo mundo acima de 11 de novo...”

Lua corre pela nave rumo a sede do #voodoo, ela leva todas as peças que achou de todos os jogos que achou, enroladas na sua camisola. Ela está tremendo de nervoso, algumas peças caem pelo caminho, ela reclamando recolhe e logo segue correndo.

“Ta bom voltando ao começo. Enquanto o grupo A procura uma máquina do tempo, o grupo B, fica aqui tentando descobrir a matemática. Grupo B, já decidiram como vão fazer?”

“Err... não.” responde Folha.

Nesse instante a porta do quarto que servia de sede para #voodoo abre de repente e Lua pálida grita: “Eu descobri, dois mais dois são quatro, com mais dois seis!”, E desmaia em seguida espalhando peças pelo quarto todo.

O quarto sede do #voodoo está cheio, parece que todo o #12+ se reuniu no pequeno aposento. Folha dá água e faz uma compressa na testa de Lua, que acorda meio zozza. O moderador sentado em uma mesa olha fixamente para ela

“Lua, você poderia me explicar como?”

“As peças, o segredo está nas peças...”

“Vocês foram chamados aqui por que chega uma hora na vida de todo moderador em que ele deve olhar firme para os demais membros do canal, estufar o peito e falar: fudeu.”

“Feita a introdução formal, a reunião do #12+ se inicia, com a palavra Folha do #voodoo.”

“Bom utilizando o segredo descoberto por Lua, fizemos anotações de várias operações com vários números. Tipo dois mais dois, dois mais tres, dois mais quatro. Cinco pessoas olham e conferem os resultados para garantir que estamos contando certo. Até agora temos soma, subtração, que é uma soma ao contrário, multiplicação, que é uma soma complicada e divisão que é uma subtração complicada, já nos cadernos e utilizando esses resultados conseguimos calcular o estoque de comida!!!”

“VIVA!” gritaram alguns

“MANDOU MUITO PORRA!” gritaram outros

“Parabens galera do #voodoo e Lua! Mandaram muito! Lua vai ser função do #nuggets ensinar os membros do #5+ essa matemática, se eles aprenderem cedo, talvez com a nossa idade eles descubram mais coisas. Folha, o #voodoo deve se dedicar a descobrir mais sobre a matemática e como ela interfere nos sistemas da nave entendeu? Isso significa chega de Grupo A e Grupo B.”

“Mas moderador, nós do Grupo A estamos certos que em algum lugar do depósito tem uma máquina do tempo.”

O coração de Folha bate acelerado mas ele não se desespera, utilizando as técnicas novas que eles descobriram nos últimos seis meses, eles conseguiram dar um jeito na calibragem dos escudos e do sistema de vida. Fazia pouco tempo que eles haviam entendido como funcionava a raiz quadrada e Lua insistia que olhando as estrelas e os mapas e fazendo algumas contas eles iriam encontrar onde estavam. Seu coração batia mais forte toda vez que ele descobria alguma coisa e parecia existir algo novo, afinal dois menos três não era zero, seu coração batia mais forte quando pensava em Lua também...

Lua pensava no que Folha havia lhe dito sobre dois menos três ficar devendo um, quase fazia sentido. Ela não sabia se sorria por que pensava nele ou se era outra coisa. Ela fazia um cafuné devagar em bolha e cantava: “sete com sete são quatorze, com mais sete, vinte um..”, e a música lhe enchia de esperança.

FIM